

Fala Menino! Ben e a Bisa: estilos visuais e sonetos narrativos nas histórias em quadrinhos do artista Luís Augusto

Fala Menino! Ben e a Bisa: visual styles and narrative sonnets in the comic books by the artist Luís Augusto



10.11606/2316-9877.2022.v10.e183777

André Luiz Souza da Silva¹

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Resumo

Trata na perspectiva da análise estrutural das histórias em quadrinhos, ao modo pensado por Eisner (2010) e Groensteen (2015), de algumas características emblemáticas da obra do baiano Luís Augusto Gouveia, autor das séries de quadrinhos *Fala Menino! Ben e a Bisa*. O objetivo é a identificação desses traços autorais presentes na sua produção e visíveis na composição gráfica dessa série em que podemos atribuir um estilo próprio a esse quadrinista.

Palavras-chave: Histórias em quadrinhos. Quadrinhos baianos. Luís Augusto Gouveia (autor). *Fala Menino!*

Abstract

From the perspective of the structural analysis of comic books as thought by Eisner (2010) and Groensteen (2015), it deals with some emblematic features of the pieces created by the author Luís Augusto Gouveia, from Bahia State, author of *Fala Menino!*

¹ André Luiz Souza da Silva (Betonnasi). Professor do curso de Design e do Programa de Pós-Graduação Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação da Universidade do Estado da Bahia (UNEB. Coordenador do Laboratório de Quadrinhos e Animações (LabHQ) e do grupo de Pesquisa PopCult - Narrativas Ficcionalis em Design, Educação e Cultura Pop da UNEB. Doutor em Comunicação e Culturas Contemporâneas da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (FACOM-UFBA). Email: betonnasi@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3812-0545>.

Ben e a Bisa. Its aims to identify authorial traits in the product. that are visible in the graphic composition of this series, in order to attribute a self-style to that artist.

Key words: Comics. Comics from Bahia State. Luís Augusto Gouveia (author). *Fala Menino!*

Introdução

No panorama das histórias em quadrinhos produzidas no estado da Bahia, o artista Luís Augusto Gouveia destaca-se por ter recebido reconhecimento do ponto de vista da instância da crítica e do público. Sua importância no cenário das histórias em quadrinhos brasileiras, em especial na produção das histórias em quadrinhos de seu estado natal, é significativa e merecedora de uma análise mais detalhada sob o prisma de alguns aspectos gráficos.

Nesse sentido, a meta deste artigo é a identificação de alguns traços autorais presentes na produção desse artista, pautada na ideia de verificar na configuração/composição gráfica e também temática da série *Fala Menino! Ben e A Bisa*, como essas marcas autorais o distinguem de outros artistas de histórias em quadrinhos que tem personagens infantis como protagonistas. Sob esse ponto de vista, cabe pontuar que essa marca autoral estaria a serviço da narratividade, ao modo pensado por Violette Morin (1971), quando trata das histórias em quadrinhos cômicas, que no Brasil ficaram conhecidas por tiras e na língua inglesa por *comic strips*.

Infelizmente, Luís Augusto nos deixou de forma repentina e precocemente na madrugada do dia 20 de janeiro de 2018, vítima de um infarto, enquanto esse texto estava sendo elaborado. Deixa uma lacuna que dificilmente será preenchida na produção das histórias em quadrinhos da Bahia e também no cenário das histórias em quadrinhos brasileiras. Portanto, esse artigo também representa uma justa homenagem a esse fabuloso artista da Nona Arte que abrilhantou o nosso imaginário com suas incríveis histórias dosadas de críticas sociais, mas também de humor, poesia e fantasia.

1 - O artista e sua obra

Nascido em 1971 na cidade de Salvador – Bahia, Brasil, Luís Augusto Gouveia cursou Arquitetura na Universidade Federal da Bahia – UFBA. O artista trabalhou com Ziraldo,

renomado criador de histórias em quadrinhos brasileiras, tendo iniciado sua atuação em 1988, para a revista em quadrinhos *Menino Maluquinho* que foi produzida pela editora *Abril* e posteriormente também pela editora *Globo* de 1989 até 2007.

Arte-educador, esse criador de histórias em quadrinhos teve uma produção regular pela internet, quase semanal, das histórias infantis denominadas de *Ben e Bisa*, um desdobramento do seu trabalho mais conhecido, intitulado de *Fala Menino!*.

Fala Menino! teve sua primeira aparição em 1996 com tirinhas no jornal baiano e de grande circulação local, o *A Tarde*. Nessa série de histórias em quadrinhos, Luís Augusto conta a história do garoto de 10 anos chamado Lucas, menino que não fala, mas que se expressa através de balões de pensamentos e gestos. O personagem é filho mais velho de pais separados, vive com a mãe, tem dois irmãos, os quais ele tem que tomar conta. Com o passar do tempo, Luís Augusto criou aproximadamente 26 personagens infantis para fazer companhia ao protagonista Lucas (figura 1).

Figura 1. Alguns personagens da série em quadrinhos *Fala Menino!*



Fonte: <https://blogdogutemberg.blogspot.com.br/2010/05/morte-anunciada-de-quadrinho-baiano.html>. Acesso em 17 mar. 2022.

Os meninos e meninas dessa série expressavam a diversidade cultural, étnica e religiosa, além da inclusão de estereótipos positivos como deficientes visuais, de locomoção, e assim por diante.

Nesse sentido, Otto Marques da Silva (1997) afirma que é possível construir, discursivamente, preconceitos positivos de determinados grupos sociais independente das condições físicas e/ou mentais desses indivíduos. Sendo assim, podemos afirmar, então, que o trabalho do criador de *Fala Menino!* tem, na sua expressividade artística e abordagem temática, a inclusão de determinados grupos sociais como uma das principais premissas.

Sobre as criações do Luís Augusto, o jornalista e crítico de histórias em quadrinhos, Gutemberg Cruz (2010), escreveu no seu *blog*:

Trata-se de uma história em quadrinhos que aborda uma turminha muito especial. Lucas é mudo, mas sempre consegue passar o seu recado. Caio é cadeirante e sabe lidar muito bem com a trajetória da vida. Rafael é deficiente visual que gosta de filosofar sobre tudo o que ainda não viu, mas enxerga o mundo de uma perspectiva lúcida. Mateus é autista e consegue entender o que está em sua volta. Leandro, o melhor amigo de Lucas, é um garoto judeu super ativo e cheio de imaginação.

Neste embalo criativo podemos destacar o livro inaugural da série *Fala Menino!* de 1996, intitulado de *Lucas*, publicado por conta própria pela FMP! – sua editora. Esta publicação ocorreu concomitantemente às tiras em quadrinhos que o autor publicava no jornal *A Tarde*. Também vale destacar o projeto piloto de animações de curta duração dos seus personagens que foi realizado por Ducca Rios e Luis Augusto e também outras animações curtas produzidas independentemente pelo próprio autor e sua equipe (XAVIER, s.d.), Atualmente, vários desses desenhos estão disponíveis na página de *Fala Menino!*, no YouTube. Isso, sem mencionar as publicações das histórias em quadrinhos da série *Ben e a Bisa*, que a rigor eram denominadas *Fala Menino! Ben e a Bisa*.

Neste caso, a última história em quadrinhos dessa série foi publicada no dia 17 de janeiro sob o título *Ben e a Bisa* em: *Fixar, O Quê?*, portanto, três dias antes da fatalidade que surpreendeu todos aqueles que acompanhavam e admiravam os trabalhos do Luís Augusto. (ver figura 5)

No que diz respeito à construção dos arquétipos, o personagem Ben é o alter ego do filho adotivo de Luís Augusto. O garoto ficcional convive com a sua bisavó Bisa

que sofre da doença de Alzheimer, e juntos aventuram-se em episódios com humor, mas com abordagem social e crítica de cunho político-filosófico, como define o próprio autor e que pode ser constatada em uma entrevista dada na *ComicCon Experience* (2014) para a *Bio Livros*².

Com a série em quadrinhos *Fala Menino! Ben e a Bisa* o artista teve uma recente e expressiva produção na internet, embora ainda tenha tido oportunidade de editar, ao longo da sua carreira, alguns materiais impressos com esses personagens, como por exemplo, o já citado *Lucas* (1996), *Fala Menino! Pra Começo de Conversa...* (1997), *Fala Menino! A Conversa Continua...* (2000), *Fala Menino! E as tiras em quadrinhos* (2010), *O menino que não era* (2011), *Os outros e eu* (2015), e tantos outros.

Cabe frisar que, no conjunto das publicações impressas de Luís Augusto, suas histórias se materializavam tanto no formato de histórias em quadrinhos, como nas coletâneas de tiras em quadrinhos derivadas do período em que as mesmas saíam no jornal *A Tarde*, mas também em forma de livros infantis tais como: *Ben e a Bisa: Branca de Neve* (2000), *Ben e a Bisa: E Os Três Porquinhos* (2014), *Ben e a Bisa: Chapeuzinho Vermelho* (2014), *Ben e a Bisa: João e Maria* (2015) e *Ben e a Bisa: Pinóquio* (2015).

Com este volume de publicações, Luís Augusto acabou sendo um artista merecidamente premiado. Entre os prêmios, ele ganhou o *Troféu HQ Mix* de Melhor Álbum Infantil, em 1997, a Menção Honrosa na categoria *Trabalhos Gráficos*, outorgada pela *Unicef*, em 1999, e o *Troféu Bigorna de Melhor Cartunista* do Brasil, em 2008.

2 - A visualidade da série *Fala Menino! Ben e A Bisa*

No quesito do formato/visualidade a série *Fala Menino! Ben e A Bisa* não é uma típica tira de quadrinhos, isto é, não possui um formato horizontalizado consagrado nos jornais impressos de grande circulação.

Este formato consagrado é composto por três ou quatro requadros justapostos quando são historietas cômicas. Ainda assim, nos aventuraremos em inferir que, ao menos, existem outras aproximações estruturais com esse tipo de histórias em quadrinhos para jornais.

Uma delas, e que engendra o efeito de narrativo ordinário das tiras de humor são as *gags*, isto é, os efeitos cômicos, as surpresas humorísticas, portanto, a piada encontrada recorrentemente nas histórias em quadrinhos famosas como as dos *Peanuts* de Charles

² <https://www.youtube.com/watch?v=eS3kmCufwHQ>. Acesso em: 16 mar. 2022.

Schulz, criada em 1950 (SCHULZ, 2020); *Mafalda*, de Quino, criada em 1962 (QUINO, 2012) e *Dennis – The Menace* de Hank Ketcham, criada em 1951. O próprio Luís Augusto admitia ter forte inspiração dessas séries em quadrinhos, conforme pode ser constatado na entrevista já citada anteriormente durante a *ComicCon Experience 2014*³.

De fato, os seus traços se assemelham aos desenhos desses autores na economia das linhas, na proporção dos personagens e nas preferências de um estilo bidimensional de colorir.

Especificamente na série *online Fala Menino! Ben e A Bisa*, Luís Augusto produz, alternadamente, suas histórias em quadrinhos com quatro requadros ou com um único requadro. Para ambos os casos, seu estilo do traço, da cor, etc., se assemelhava aos trabalhos dos artistas que ele admirava em uma combinatória em que buscava sintetizar com as principais características da morfologia desses personagens que ele admirava.

Por exemplo, Lucas tem, até certo ponto, o cabelo de *Dennis: The Menace* que no Brasil foi traduzido para Dennis, o Pimentinha (ou somente Pimentinha) e publicado em quadrinhos pelas editoras O Cruzeiro, Saber, Rio Gráfica e Editora (RGE) e Vecchi, dentre outras, entre as décadas de 1960 e 1980. Ao observamos a figura 2, podemos constatar que o penteado de protagonista da série impressa *Fala Menino!*, mas que também aparece na série *online Fala Menino! Ben e A Bisa*, tem um cabelo armado parecido com o do Pimentinha. Ambos, por sua vez e nesse quesito, se assemelham, em termos e somente por senso comum, ao ex-presidente dos Estados Unidos da América, Donald Trump.

Figura 2 - Lucas, Dennis e Trump



Fonte: Montagem de imagens disponíveis na internet, realizada pelo autor deste artigo.

³ <https://www.youtube.com/watch?v=eS3kmCufwHQ>. Acesso em: 16 mar. 2022.

Numa primeira observação, tanto Lucas, Dennis e Trump passam a ideia de certa artificialidade capilar. Para todos os casos, o conceito de artificialidade capilar remete, portanto, à iconicidade que os distingue, que os individualiza como personas.

Cabe ressaltar que o conceito de semelhança (característica em comum, seja ela qual for) pode ser mais amplo do que meramente a semelhança, tomada pelo senso comum: do ponto-a-ponto que, nesse caso, se aproximaria mais do conceito ordinário de idêntico/igual ou quase isso.

Porém, Umberto Eco (1974, p. 101) nos adverte que, mesmo quando a semelhança é tratada pelo senso comum como idêntica, devemos levar em consideração que é uma questão de grau de referencialidade apenas do objeto denotado e que nunca haverá o seu duplo perfeito, seja no desenho, na pintura, na fotografia, etc. E, ainda assim, o que pode ser considerado como grau de referencialidade pelas suas propriedades intrínsecas estará mediado pelas condições de percepção e experiência adquirida daquele que vê:

(...) os signos icônicos não “possuem as propriedades do objeto representado”, mas reproduzem algumas condições da percepção comum, com base nos códigos perceptivos normais e selecionando o estímulo que (...) podem permitir-me construir uma estrutura perceptiva que possua – com base nos códigos da experiência adquirida – o mesmo “significado” da experiência real denotada pelo signo icônico. (ECO, 1974, p. 102)

No caso dos três personagens da figura 2, a “semelhança” é meramente estrutural - um certo arranjo chamativo quando o assunto é cabelo -, e esse conceito relativizado pode se estender a outros exemplos possíveis que poderíamos lembrar. E isso vale tanto para personas ficcionais como também para personas de carne e osso.

No caso do Lucas e do Pimentinha, existe, todavia, uma referencialidade autoral, portanto, consciente, por parte do artista Luís Augusto, e que não anula o paralelismo de uma aproximação incidental do Lucas e do Trump pelo iconismo do cabelo que ocorreu independentemente da vontade do autor da série em quadrinhos *Fala Menino!*.

Essa nuance pode passar despercebida pela recepção menos preparada e as armadilhas que a discussão sobre a iconicidade pode nos reservar.

Afinal, o que une esses três modelos citados é que todos têm uma característica dada pela categoria: cabelo armado/cabelo de artificialidade evidente.

Todavia, os personagens de Luís Augusto têm outras características vindas das obras de Schulz, Quino e Ketcham e que poderiam ser facilmente assumidas pelo autor, já que as mesmas estão subentendidas quando o artista declara as suas referências para a criação dos seus personagens na entrevista da *ComicCom Experience 2014*⁴.

Por exemplo, os braços roliços dos seus personagens-infantis fazem parte de um mesmo esquema encontrado nos desenhos que ele admira (figura 3).

Figura 3. Rafael com Lucas, Charlie Brown, Mafalda e Dennis



Fonte: Montagem de imagens disponíveis na internet, realizada pelo autor deste artigo

Ainda assim, existem exceções como os personagens encontrados na série *Fala Menino! Ben e A Bisa*. Nesse caso, por exemplo, Ben – um dos protagonistas dessa história em quadrinhos –, possivelmente, necessitava se assemelhar com as características físicas do filho adotivo do autor, uma vez que o personagem é inspirado nessa criança. (figura 4).

⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=eS3kmCufwHQ>. Acesso em: 16 mar. 2022.

Figura 4. Ben da série *Fala Menino! Ben e A Bisa é mais esguio* comparado com outros personagens criados para a série *Fala Menino!*



Fonte: <https://blogdoxandro.blogspot.com/2017/07/tiras-n8555-fala-menino-ou-ben-e-bisa.html>.

Acesso em: 22 mar. 2022.

Assim, Ben traz já uma típica magreza de um menino de aproximadamente 10 anos de idade em que o corpo começa a ficar mais longilíneo, com braços, pernas e pescoço mais finos, devido ao crescimento e mudanças físicas e hormonais decorrentes da pré-adolescência. Mudanças essas que acontecem, mais ou menos, entre oito e 12 anos de idade.

Entretanto, lembramos que, mais uma vez, não se trata de uma simples referencialidade inspirada em um garoto de existência física, mas que por meio dessa mesma referencialidade (o seu filho), Luís Augusto representa toda uma categoria de meninos e meninas da mesma faixa etária.

Ele, com sua percepção, buscou configurar, graficamente, uma representação genérica, um esquema geral, portanto, icônico de crianças dessa idade e no qual seu filho está incluído.

Para esta configuração gráfico-visual da sua turma infantil *Fala Menino! Ben e A Bisa*, Luís Augusto buscou uma conversão estável e com a menor ambiguidade possível daquilo que percebemos e entendemos por crianças “reais” de aproximadamente 10 anos.

Isso corrobora a premissa comentada por Eco (1974, p.107-108) sobre os códigos visuais no qual ele afirma *que a convenção rege todas as nossas operações figurativas*.

Afirmção essa que, por sua vez, vem em apoio aos pensamentos de Ernst Gombrich (2007) que dissertou sobre o caráter convencional dos códigos imitativos na Arte.

Nesta mesma linha, os outros personagens-criança dessa série de histórias em quadrinhos acompanham o estilo mais esbelto de um dos personagens principais e podem ser considerados com um marco visual significativo que diferencia os personagens infantis da série *Fala Menino! Ben e A Bisa* dos personagens da série *Fala Menino!*, pois, neste último caso, os personagens são mais roliços.

Como especialidade também, estes personagens da série *Fala Menino! Ben e a Bisa* trazem pequenos olhos amendoados que diferem da série *Fala Menino!* na qual o artista adotava um estilo de olhos grandes, na maioria dos casos.

Assim, os olhos dos personagens da série *Fala Menino!*, na sua desproporcionalidade no rosto, ao menos, lembram os olhos expressivos dos personagens dos mangás e animês, como são conhecidas, respectivamente, as histórias em quadrinhos e as animações originalmente japonesas.

Seja como for, tanto o estilo esbelto quanto o estilo roliço; como também os olhos amendoados quanto os grandes são válidos como marcas autorais presentes na arte conceitual dos trabalhos do Luís Augusto.

Embora pertençam a duas séries distintas de histórias em quadrinhos, exibem, ao mesmo tempo, a *referencialidade* – obras de artistas consagrados que o Luís Augusto admirava, e a *iconicidade* – aspectos reconhecíveis pela recepção e proporcionados pelo seu desenho para conotar crianças da faixa etária que ele desejou representar.

3 - A produção dos sonetos visuais da série *Fala Menino! Bem e A Bisa*

Feita uma primeira análise das histórias em quadrinhos de Luís Augusto pelo viés das semelhanças de estilo que ajudaram a compor a sua marca autoral, vamos nos deter agora em averiguar uma segunda possibilidade que vai além da estilística dos desenhos. Trata-se da recorrência estrutural de quatro requadros, encontrados em quase todas as publicações da série *Fala Menino! Ben e a Bisa*, e que, se não podemos afirmar que esta recorrência é uma marca geral de autoria desse artista de história em quadrinhos, ao menos, podemos afirmar que é uma marca distintiva dessa série.

Essa estrutura representa um conjunto de quatro quadros/requadros ou vinhetas, semelhantes à composição de um soneto, isto é, algo próximo com uma estruturação de uma obra poético-literária em quatro estrofes.

No geral, este conjunto forma um *superquadrinho* ao modo pensado por Will Eisner (2010, p. 80), em que esses quatro requadros são vistos como um conjunto e se assemelham à estrutura de uma página, mesmo sem que haja a contenção física – as bordas – de uma página. Nesse sentido, lembramos que o conceito de *superquadrinho* de Eisner é próximo das ideias de um outro teórico das histórias em quadrinhos, Thierry Groensteen (2015, p. 41), quando este último se refere ao fenômeno do *hiper-requadro*.

Para Groensteen, a condição para um hiper-requadro é o alinhamento das bordas dos requadros solidários de uma história em quadrinhos que proporcionam uma forma global. Essa forma global, esse conjunto de requadros é o que primeiro percebemos ao nos depararmos com várias aventuras postadas no *blog* da série *Fala Menino! Ben e A Bisa* (figura 5).

Figura 5 -.Exemplo de hiper-requadro na última história em quadrinhos de Luís Augusto sob o título: *Ben e A Bisa em: Fixar, O Que?* postada para a série *Ben e A Bisa*. Fonte:



<https://mobile.twitter.com/FalaMenino/status/953713697570086912/photo/1> Acesso em: 17 mar. 2022 e <https://blogdoxandro.blogspot.com/2018/01/tiras-n9089-fala-menino-ou-ben-e-bisa.html>. Acesso em: 22 mar. 2022.

Essa estrutura geral, ou hiper-requadro, parece cair bem para visualizar em “página digital”, por exemplo, devido à ausência dos limites que seria natural de uma página impressa. Nesse sentido, é importante lembrar que, mesmo a página digital – que é dotada por unidade de medida em pixel e tem o seu marco zero no canto superior esquerdo de qualquer monitor de computador –, pode se prolongar na altura e largura e extrapolar os limites visuais da tela desse mesmo monitor.

Entretanto, nos modelos de *blogs* já existem *scripts* que evitam esses excessos e garantem a fixação das matérias visuais e verbais no centro do eixo horizontal da tela do monitor deixando livre apenas a verticalidade que é acumulativa na medida em que as postagens são somadas. Portanto, a arquitetura convencional de um *blog* se assemelha a um pergaminho: estreito na horizontalidade que coincide com a largura útil da tela do monitor e comprido na sua verticalidade pela soma das postagens.

Para o sistema de *blogs*, essa soma gera, por consequência, o surgimento da barra de rolagem para navegação apenas no eixo vertical. No que diz respeito aos conteúdos visuais postados, a centralidade converge, estrategicamente, a atenção do leitor para sua apreensão e, ao mesmo tempo, a apreciação primeira do conjunto de fotos, desenhos, textos verbais, etc.

De modo exemplar, na série *Fala Menino! Ben e A Bisa*, este conjunto de postagens precisa se distinguir dos demais elementos visuais que compõem a arquitetura do *blog*, como, por exemplo, o bloco que contém o título da série, o bloco do *Facebook Badge*, o bloco dos seguidores, o bloco dos *links*, e assim por diante.

Afinal, esses elementos que acabamos de citar são conjuntos extratextuais que compõem o *blog* e a distinção entre eles é imprescindível para que a recepção perceba a natureza de cada um; mas principalmente apreenda que existe um material primaz que, no caso tratado nesse artigo, são as historietas cômicas que o artista Luís Augusto postava regularmente.

Esta distinção visual dada pelos elementos perceptíveis, a saber, a forma e seus alinhamentos, mas também cores, texturas, etc. não são inaugurais nas páginas da internet representados por *blogs* e outros suportes midiáticos do gênero. As páginas dos jornais, por exemplo, desde os seus primórdios, já ofereciam essa distinção gráfico-visual. Esse modo de abalizar conjuntos de elementos gráfico-visuais de naturezas diferentes foi se sofisticando ao longo do tempo na medida em que a diagramação, isto é, o modo de compor as páginas foi evoluindo também em busca do melhor conforto visual para os leitores.

Da parte dos diagramadores era o esforço concomitante de distinguir e integrar, por exemplo, os anúncios publicitários e as matérias jornalísticas com manchetes com letras garrafais. Estas matérias jornalísticas, por vezes, continham também ilustrações ou fotografias para formar um conjunto. Entretanto, na situação que nos interessa existem ainda algumas linhas editoriais de periódicos de notícias que preferem dividir o espaço das páginas dominicais destinados para as histórias em quadrinhos, quase sempre sob o formato das *comic strips*, com as previsões do horóscopo e com receitas culinárias do dia, por exemplo.

Mesmo sem entrar nos méritos da hierarquização de cada um desses conteúdos – que seriam, nestes casos, definidores para entendermos a ordem espacial que tais conteúdos ocupariam na página – basta admitirmos, para a nossa análise, que os *blogs* são herdeiros do modelo de páginas do meio impresso dadas pela recorrência de dividir o espaço visual por um *grid* – uma linha imaginária – que delimita os seus conteúdos por classificação temática.

Assim, nada mais natural que as histórias em quadrinhos da série *Fala Menino! Ben e A Bisa* preservem a tradição similar das *comic strips* de modo que não se contaminem com outros conjuntos de informações presentes.

Na série *Ben e A Bisa*, mesmo que venhamos a assumir que ela não passa de uma variável de uma tradicional tira, ainda nos resta inferir que quase sempre esse trabalho do Luís Augusto tem como peculiaridade a composição de requadros – dois em cima e dois embaixo – que, juntos, formam um único e totalizante quadrado.

Assim, o fluxo de leitura linear, isto é, a leitura balão a balão segue e forma de "Z": vinheta superior da esquerda para segunda vinheta superior da direita, e esta guia para a vinheta inferior da esquerda que, por sua vez, nos levará para finalizar a leitura da vinheta inferior da direita. Desde modo, a horizontalidade da tira tradicional é quebrada, mas o fluxo linear de leitura é preservado

Na figura 6 permanece a recorrência estrutural em "Z" mesmo que o desenho do gradeio do berço nos induza para um sentido de verticalidade. A tradição linear-horizontal de leitura das histórias em quadrinhos, em especial das tiras, permanece, mesmo quando o modo de disposição gráfica não siga essa redundância.

Figura 6 - Tira Nº 7815 da série *Fala Menino! Ben e A Bisa*.

Fonte: <https://blogdoxandro.blogspot.com/2016/10/tiras-n7826-fala-menino-luis-augusto.html>.

Acesso em: 22 mar. 2022.

Este é um padrão que o autor segue, com rigor ao longo da série *Fala Menino! Ben e A Bisa*, independentemente da história proposta. Trata-se de um padrão que nos arriscamos a inferir que compõe um traço autoral para essa série de histórias em quadrinhos, dadas a rigidez das suas proporções geométricas – quadrados sempre do mesmo tamanho –, e a constância dessa composição por requadros na sua produção.

Nota-se também que, ao longo dos vários exemplos disponíveis da série *Fala Menino! Ben e A Bisa*, esse conjunto de quatro requadros iguais garante uma neutralidade necessária para que os balões engendrem um ritmo de leitura – uma noção de *timing* –, cadenciados pelos seus posicionamentos livres no espaço de cada vinheta.

Nesse sentido, sobre o balão, Eisner (2007, p. 26) afirma ser

(...) um recurso extremo. Ele tenta captar e tornar visível um elemento etéreo: o som. As disposições dos balões que cercam a fala – a sua posição em relação um ao outro, ou em relação à ação, ou sua posição em relação ao emissor – contribui para a medição do tempo. Eles são disciplinares, na medida que requerem a contribuição do leitor. Uma exigência fundamental é

que sejam lidos numa sequência determinada para que se saiba quem fala primeiro. Eles se dirigem à nossa compreensão subliminar da duração da fala.

E em complemento, Groensteen (2015, p. 55) ressalta que

Decupar um texto é o pontuá-lo. O “texto” dos quadrinhos obedecem a um ritmo que lhe é imposto pela sucessão de quadros. É a pulsação básica, que se observa também na música e pode ser desenvolvida, qualificada, coberta por efeitos rítmicos mais sofisticados com base em outros “instrumentos”(parâmetros) como a distribuição dos balões da fala (...)

Cabe frisar também que, mesmo com esse formato menos tradicional, a série *Fala Menino! Ben e A Bisa* cumpre o fundamento básico ao estilo historieta cômica: narrativas curtas com *gags*, conforme citamos no início desse artigo, nas quais ocorrem breves tensões narrativas no ato de leitura e que antecedem o desfecho da história.

Para Morin (1971, p.177) a historieta cômica tem um elemento de bifurcação narrativa de natureza polissêmica. É o “(...) disjuntor sobre o qual a história é deflagrada (normalização e locução), tropeça e se volta para tomar direção nova e inesperada. ”

No caso da narrativa da figura 5, notamos na primeira vinheta o personagem Ben perguntar ao dentista: Fixar o que? – situação de *gag*, de comicidade dada a suposta pergunta repentina do personagem. Essa pergunta reforça o seu perfil psicológico que emula o comportamento irreverente de uma criança de 10 anos com perguntas súbitas e aparentemente descabidas. Já na segunda vinheta, o dentista responde: “Você vai precisar de um aparelho fixo nos dentes!”. Até esse ponto, temos uma situação normalizadora em que um personagem pergunta e um outro responde. A bifurcação ocorre justamente na terceira vinheta no qual Ben replica: “Ah, sim! Ufa! Não precisa falar mais nada!”. Aqui já fica apontado o novo rumo da conversa entre os dois personagens. Na quarta vinheta temos a confirmação dessa nova diretriz, de caráter inusitado, quando Ben finaliza o diálogo: “Pensei que eu que teria que ficar parado em algum lugar!”

Já na narrativa da figura 6, percebe-se que a disjunção culmina na elucidação do suspense para o leitor. Essa revelação ocorre depois de um vaivém de expectativas dos três primeiros quadros sem a matéria verbal e com alternância das expressões faciais do protagonista. Nesses quadros, Ben observa uma recém-nascida até propor

à sua pequena amiga um acordo expresso pelo balão: “Hein, psiu!...” e pelo balão “Se você estiver entediada, vamos lá fora, que eu te ensino a jogar bola.”.

Estas situações presentes nas figuras 5 e 6, com base em quatro vinhetas e bastantes recorrentes na série em quadrinhos *Fala Menino! Ben e A Bisa*, realizam um papel parecido de uma historieta cômica convencional, mesmo sem a tradicional justaposição horizontal dos requadros. Porém, esta não é a única configuração possível nos trabalhos do Luís Augusto.

Existem aqueles trabalhos como as histórias em quadrinhos do *Fala Menino, Agora!* ou até mesmo algumas histórias de *Fala Menino! Ben e A Bisa* em que o artista preferiu expressar suas ideias e opiniões com uma única vinheta, com um único requadro e que se assemelha aos cartuns, isto é, uma situação humorística que geralmente escarnece os comportamentos humanos.

É o caso da figura 7, em que tudo acontece em um único cenário em que uma garota diz para o garoto, em praticamente uma única sentença, sobre empoderamento da mulher na contemporaneidade citando personagens femininas das histórias em quadrinhos: Mafalda do já mencionado criador argentino Quino, Mulher-Maravilha do norte-americano William Moulton Marston (Charles Moulton) e também a Mônica, criação do brasileiro Maurício de Sousa.

Figura 7. O último cartum publicado no blog do Luís Augusto sob o título: *Fala, Menino, Agora!*



Fonte: <http://blogdoxandro.blogspot.com/2018/01/tiras-n9089-fala-menino-ou-ben-e-bisa.html>.

Acesso em: 22 mar. 2022.

Se compararmos alguns dos trabalhos de quatro requadros do Luís Augusto com suas histórias de apenas um requadro, notaremos que, para o último caso, há um maior cuidado do artista em compor de forma mais detalhada os cenários nos quais os personagens estão inseridos. Por exemplo, na figura 7 notamos uma texturização do chão, o que dificilmente veremos na outra modalidade. E isso não é por acaso e decorre por dois motivos.

O primeiro tem a ver com a instância da produção, portanto, de ordem técnica: basicamente, o mesmo tempo de realização que o artista teria para fazer uma história em quadrinhos com quatro vinhetas, teria também para fazer uma história de uma vinheta só. Assim, se o tempo de execução é praticamente o mesmo, é possível que ele o empregasse para um tipo de detalhismo gráfico-visual – uma carga decorativa, portanto: texturas e nuances de cor, por exemplo – que, talvez, não ficassem tão bem, esteticamente, em requadros que ocupariam proporcionalmente um quarto da área total das produções por quatro requadros.

O segundo motivo cumpre uma função retórico-poética na construção de uma ambiência que, no caso do exemplo da figura 7, passa a ideia de campo, de fim de tarde, por causa da cor alaranjada do fundo e da representação gráfico-visual do diminuto mundo ou recanto, ao modo concebido por Antoine de Saint-Exupéry (1990) para o universo ficcional do Pequeno Príncipe quando imaginou o planeta B6 12 para habitar o protagonista do seu famoso romance.

Conclusões

Esperamos que com o apontar, ao longo deste artigo, de algumas possíveis marcas autorais, principalmente pelo viés das temáticas socialmente inclusivas e também da sintaxe visual, do artista baiano Luís Augusto Gouveia, possamos reconhecer, definitivamente, que a sua obra foi quantitativamente e qualitativamente significativa para o cenário da produção das histórias em quadrinhos no Brasil, nos últimos 22 anos.

Sua produção se distingue de outros renomados produtores de histórias em quadrinhos com personagens infantis, tais como o contemporâneo e conterrâneo Antônio Cedraz (1999) – criador da Turma do Xaxado – e os já mencionados artistas e suas produções que ele tanto admirava.

As peculiaridades das suas temáticas, bem como os seus desenhos, chamavam a atenção dos leitores infantis e dos adultos, dos meios de comunicação massivos, das empresas locais, dos professores, dos alunos e pais desses alunos de diversas escolas públicas e privadas, da crítica especializada sobre as histórias em quadrinhos, dos leitores diversos que o acompanhavam na internet ou nos eventos em que ele comparecia.

Suas abordagens eram sempre atuais e instigantes em que as crianças com necessidades especiais eram as grandes estrelas dos seus trabalhos.

Referências

BLOG do Xandro. Disponível em: <http://blogdoxandro.blogspot.com/>. Acesso em: 17 mar. 2022.

BIO LIVROS. ComicCon Experience 2014. Entrevista - Luís Augusto. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=eS3kmCufwHQ>. Acesso em: 3 fev. 2018.

CEDRAZ, Antônio. *A turma do Xaxado*. Salvador: Editora Cedraz, 1999. v. 1.
CRUZ, Gutemberg. Morte anunciada de quadrinho baiano. 2010. Disponível em: <https://blogdogutemberg.blogspot.com.br/2010/05/morte-anunciada-de-quadrinho-baiano.html>. Acesso: 4 fev. 2018.

ECO, Umberto. *A estrutura ausente*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1974.

EISNER, Will. *Quadrinhos e arte sequencial*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

FALA MENINO. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCM7eZOqtlAQAdLq00tMeQkA>. Acesso em: 03 mar. 2022.

GOMBRICH, Ernst H. *Arte e ilusão: um estudo da psicologia da representação pictórica*. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

GOUVEIA, Luís Augusto. *Ben e a Bisa: Branca de Neve*. Salvador: Humanidades Editora e Projetos, 2000.

GOUVEIA, Luís Augusto. *Ben e a Bisa: Chapeuzinho Vermelho*. Salvador: Humanidades Editora e Projetos, 2014.

GOUVEIA, Luis Augusto. *Ben e a Bisa: E os três porquinhos*. Salvador: Humanidades Editora e Projetos, 2014.

GOUVEIA, Luís Augusto. *Ben e a Bisa: João e Maria*. Salvador Humanidades Editora e Projetos, 2015.

GOUVEIA, Luís Augusto. *Ben e a Bisa: Pinóquio*. Salvador: Humanidades Editora e Projetos, 2015.

GOUVEIA, Luís Augusto. *Fala Menino! A conversa continua*. Salvador: FMP, 2000.

GOUVEIA, Luís Augusto. *Fala Menino! E as Tiras em Quadrinhos*. São Paulo: Amarilys, 2010.

GOUVEIA, Luis Augusto. *Fala Menino! Pra começo de conversa...* Salvador: FMP, 1997.

GOUVEIA, Luis Augusto. *Lucas*. Salvador: FLP!, 1996.

GOUVEIA, Luís Augusto. *O menino que não era*. Salvador: Leya, 2011.

GOUVEIA, Luís Augusto. *Os outros e eu*. Salvador: Humanidades Editora e Projetos, 2015.

GROENSTEEN, Thierry. *O sistema dos quadrinhos*. Nova Iguaçu: Marsupial, 2015.

O MENINO Maluquinho, São Paulo: Editora Abril, 1989-1994. 70 edições.

O MENINO Maluquinho. São Paulo: Editora Globo, 2004-2007. 29 edições.

PIMENTINHA. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1959-1974. 20 edições.

PIMENTINHA. Rio de Janeiro: Rio Gráfica e Editora, 1977-1981. 44 edições.

PIMENTINHA. Rio de Janeiro: Editora Vecchi, 1975-1976. 19 edições.

PIMENTINHA: Dennis, o Travesso. São Paulo: Ed. Saber, 1971-1972. 8 edições.

MORIN, Violette. A historieta cômica. In: ANÁLISE estrutural da narrativa. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1971. p. 176-202.

QUINO. *Toda a Mafalda: da primeira à última tira*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *Le petit prince*. Paris, Gallimard, 1990.

SCHULZ, Charles. *Peanuts completo: 1950-1952*. Porto Alegre: L&PM, 2020. v. 1.

SILVA, Otto Marques da. *A epopeia ignorada: a pessoa deficiente na história do mundo de ontem e de hoje*. São Paulo: Cedas, 1987.

XAVIER, Maurício. *Fala Menino*. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=uB_5T4kymvw. Acesso em: 03 mar. 2022.

Submissão: 04.04.2021

Aprovação: 27.01.2022